

ALADI/CR/Ata 726
(Extraordinária e Solene)
29 de fevereiro de 2000
Hora: 9h 30m às 11h

ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Rafael Chávez Frías

Preside:

GUSTAVO IRUEGAS EVARISTO

Assistem: Carlos Onis Vigil, Noemí Gómez, Jorge Alberto Ruiz e Julia Adriana Gabriela Pan (Argentina), Mario Lea Plaza Torri e María Elena García de Baccino (Bolívia), José Artur Denot Medeiros, Afonso José Sena Cardoso e Marcelo Baumbach (Brasil), Augusto Bermúdez Arancibia, Lilia Rodríguez Pizarro, Axel Cabrera e María Antonieta Jara (Chile), Arturo Sarabia Better e Fabio Emel Pedraza Pérez (Colômbia), Miguel Martínez Ramil e Fidel Ortega Pérez (Cuba), José Rafael Serrano Herrera, Julio Prado Espinosa e Carlos Santos Repetto (Equador), Gustavo Iruegas Evaristo, José Luis Solís e Juan Antonio Nevárez (México), Efraín Darío Centurión, Gloria Amarilla Acosta e Luis Alfonso Copari (Paraguai), Carlos Higuera Ramos, José Eduardo Chávarri García (Peru), Jorge Rodolfo Tálce e Elizabeth Moretti (Uruguai), Rubén Pacheco e Yaritza C. Barbosa (Venezuela), Li Changhua (China), Alberto Boniver (Italia), Vasile Macovei (Romênia), Eugeny Astakhov (Rússia), Enrique García (CAF) e Arnaldo Chibbaro (IICA).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas Penso.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo Mejía e Gustavo Adolfo Moreno.

Comitiva Oficial: Excelentíssimos Senhores Ministro das Relações Exteriores, José Vicente Rangel, Ministro da Produção e do Comércio, Juan de Jesús Montilla, Ministro da Defesa, Ismael Eliezer Hurtado Soucre.

PRESIDENTE. Está aberta a sessão.

Reunimo-nos hoje, em sessão extraordinária e solene, para receber o Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Comandante Hugo Chávez Frías.

Senhor Presidente, Senhor Ministro das Relações Exteriores, Senhor Ministro da Produção e do Comércio, Senhor Ministro da Defesa, Senhores Representantes, Senhor Secretário-Geral, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, Senhores Observadores, Senhores Embaixadores, senhoras e senhores, antes de mais nada, queremos manifestar-lhe a solidariedade dos integrantes deste Comitê com o povo e o Governo da Venezuela perante os desastres que recentemente padeceram e que cada um de nossos Governos manifestou em seu momento.

A magnitude da tragédia e o caráter natural atribuído a estes excepcionais fenômenos meteorológicos nos fazem pensar que nem tudo na globalização que hoje vivemos é positivo e que há muito de ominoso nessa transformação que algumas vezes consideramos natural e, outras, conseqüências da atividade humana.

Senhor Presidente, com muito interesse recebemos a notícia de sua visita. Em grande medida, pela presença do Chefe de Estado de uma das Repúblicas que fazem parte desta Associação, mas, principalmente, pelos quatro elementos circunstanciais que hoje coincidem nesta sala, que tornam este dia muito especial:

- Esta Associação tem como mandato buscar a integração econômica como um dos principais meios para que nossos países acelerem seu desenvolvimento econômico e social e um melhor nível de vida para seus povos.
- A Venezuela é fundadora da Associação e é também o berço da primeira proposta integracionista da América Latina, fatos refletidos agora em seu nome: República Bolivariana da Venezuela e –ainda mais importante- a seu texto constitucional incorpora a vocação anfictiônica em um artigo de caráter doutrinário, dedicado à integração política, econômica e social da América Latina.
- Na América Latina é também conhecida sua trajetória pessoal, comprometida com as causas populares e fundamentada no pensamento do Libertador.
- Neste ano 2000, a ALADI faz vinte anos de existência e obrigatoriamente, deverá fazer uma avaliação de sua trajetória e de seus resultados e uma reformulação de seus objetivos e de sua estratégia.

É compreensível que a soma destes quatro elementos abra automaticamente uma especial e interessante expectativa para que os aqui presentes nos beneficiemos, de primeira mão, das reflexões de um destacado protagonista e moderno impulsor do processo da integração e do caráter anfictiônico da América Latina. Nada mais, a propósito de nossos objetivos que a visita de Vossa Excelência. Escutaremos Vossa Excelência com muito interesse. Além disso, desejamos muitas felicidades e progresso para seu povo e ventura pessoal para Vossa Excelência e sua distinta família. Muito obrigado.

- Aplausos.

Tem a palavra o Senhor Secretário-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL. Muito obrigado, Senhor Presidente.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Senhor Presidente e demais membros do Comitê de Representantes, Senhor Ministro das Relações Exteriores, Senhor Ministro da Produção e do Comércio e Senhor Ministro da Defesa da Venezuela, Senhores Representantes dos países-membros e Organismos Observadores, Senhor Subsecretário das Relações Exteriores da República Oriental do Uruguai, Honorável Corpo Diplomático, Secretários-Gerais Adjuntos, funcionários da Secretaria, convidados especiais, amigos todos, com grande emoção e particular orgulho abrimos hoje as portas para dar as mais cordiais boas-vindas a nossa casa, emoção e orgulho acrescentados, por ser esta sua primeira visita como Presidente da República Bolivariana da Venezuela, meu país, que é recebido no âmbito da comemoração do Vigésimo Aniversário da subscrição do Tratado de Montevidéu 1980, nossa Carta Magna.

Senhor Presidente, a visita de Vossa Excelência acontece em momentos em que a grande maioria dos países-membros está emergindo da crise financeira itinerante, que iniciou seu caminho em 1994 e que depois de um amplo e diversificado percurso, afetou-os diretamente no ano passado, trazendo como consequência a alteração dos ritmos do processo de integração na América Latina.

Durante 1999, salvo contadas exceções, não foi possível incorporar a nosso acervo um conjunto de acordos que estavam em processo de negociação nem avançar na consolidação e aprofundamento de outros que, efetivamente, contribuísssem para consolidar a integração regional como parte da política implementada pelos países da ALADI para melhorar sua inserção na economia internacional. Isso explica, em grande medida e entre outros aspectos, que no biênio 98-99 o comércio intra-regional descesse em uma taxa similar à do biênio 82-83, quando foram mais notórios os efeitos da crise da dívida externa.

É importante salientar, não obstante, que a crise enfrentada, em termos gerais, não alterou nem propiciou, como no passado, deixar de lado os compromissos assumidos. Pelo contrário, as dificuldades permitiram fortalecer a institucionalidade regional como resposta à decidida vocação política que rege os destinos do processo de integração da América Latina.

Também nossa Associação viu ampliar seu âmbito geográfico, ao ingressar Cuba como país-membro, evidenciando, novamente, a vigência do Tratado e da ALADI como foro de negociação, deixando de lado as diferenças de regimes políticos e econômicos dos países que ao redor desta mesma mesa empenham seus melhores esforços por construir essa grande pátria que sonharam nossos precursores.

Não obstante, os avanços que hoje exibimos cristalizaram no contexto da globalização da economia internacional, fundamentados sobre a base de políticas econômicas que, simultaneamente, geraram uma seqüela de desequilíbrios socioeconômicos na região, matéria ainda pendente de nossas políticas de desenvolvimento.

Senhor Presidente, a ALADI está marchando progressivamente para a formação de um espaço econômico baseado no livre comércio, e essa será sua maior contribuição para a criação da Área de Livre Comércio das Américas e para o eventual desenvolvimento de uma nova rodada de negociações no âmbito da Organização Mundial do Comércio. Mas, esse espaço deverá ser aprofundado ainda mais, de maneira que contribua para que os Governos possam recuperar boa parte da autonomia no manejo de suas políticas, que a globalização lhes está condicionando.

No dinâmico mundo em que nossos países se desenvolvem, e frente à simultaneidade das negociações que levam a cabo para melhorar sua posição no sistema econômico mundial, a integração surge, então, como único caminho válido e certo para aunar soberanias na busca do maior bem-estar de nossos povos.

Para esses fins, requerer-se-á a ação coordenada, sistemática e permanente dos Governos, da sociedade civil e, muito especialmente, dos primeiros dignatários dos países da Associação. Por isso, acompanhamos com grande expectativa e interesse a convocação retomada recentemente pelo Senhor Presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, para realizar um encontro presidencial com o objetivo de liderar o processo de integração latino-americana.

Senhor Presidente, como manifestei no início, compartilho com Vossa Excelência da nacionalidade, mas também compartilhamos das raízes e, logicamente, dos costumes de uma região da qual surgiram grandes forjadores de nossa luta libertadora. Nesta permanente batalha pela integração, Vossa Excelência encarna uma nova esperança para tornar realidade o mais anelado sonho de “El Libertador Simão Bolívar: “PARA NÓS, A PÁTRIA É A AMÉRICA””. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Secretário-Geral.

Oferecemos agora a palavra ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Comandante Hugo Chávez Frías.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA BOLIVARIANA DA VENEZUELA (Hugo Rafael Chávez Frías).

Em primeiro lugar, devo saudar o Senhor Presidente do Comitê de Representantes, todos os Representantes de nossos países desta América Latina Caribenha, o Senhor Secretário-Geral e patrício, e todos os que estamos aqui, nesta manhã de Montevideu, último dia deste mês bissexto de fevereiro, do primeiro ano do Século XXI.

Logicamente, estou de acordo com que, matematicamente, o Século XXI começa dia primeiro de janeiro do próximo ano, mas os europeus decidiram que fosse o primeiro de janeiro deste ano e, portanto, como muitas vezes, em muitas ocasiões seguimos a corrente e estamos já em pleno Século XXI, adiantamos um ano. Isso é bom, adiantar-se um pouco aos acontecimentos.

Saúdo o povo do Uruguai, povo oriental, povo amigo, povo irmão, e todos os povos que Vossas Excelências representam: os povos desta América Latina, América Caribenha.

Saúdo o novo Governo, o novo Presidente do Uruguai, igual que todos os Chefes de Estado, de Governo de nossos países, e saúdo o esforço de tantos anos contra tantos obstáculos; quantos obstáculos nos pôs a história, puseram-nos os séculos para transitar nossos caminhos, que devem ser comuns, sem dúvida.

Cumprimento a ALADI, Associação Latino-Americana de Integração, por seus vinte anos. Em 1980, a mudança da antiga ALALC, Associação Latino-Americana de Livre Comércio. Creio que é muito significativa essa mudança de há vinte anos. Ao falar de integração se perde de vista, vai muito além de falar de livre comércio. É um desafio. Estou certo de que os que conduziram essa transformação assim a conceberam. E, creio que por trás desse desafio estamos todos nós.

Saúdo a todos com muito afeto, saúdo esta terra de Artigas. Fomos agora para a Praça Independência e quis olhar o rosto dessa estátua gigantesca, creio que apropriada ao tamanho histórico de Artigas, ao tamanho histórico de seu sonho, de sua luta, de seu espírito, de sua disposição para a justiça, a liberdade, a integração. É o mesmo sonho bolivariano a que se referiam com tanta gentileza e precisão o Senhor Presidente e o Senhor Secretário-Geral.

Certamente, tenho muitas coisas para dizer, mas, quanto tempo me estão dando? Talvez chegue a hora do jantar e estejamos aqui, se por mim fosse. Uns trinta minutos; farei um esforço para tentar resumir algumas idéias, pedindo a Deus as palavras para ser capaz de expressar com a maior clareza possível todo o furacão que a gente leva por dentro, na mente e na alma.

Creio que um tema obrigatório, pelo lugar onde estamos, é a integração. Creio que esse é um tema essencial. Creio que é um tema existencial para avaliar nosso trajeto pelos séculos que passaram e para olhar em perspectiva, imaginar-nos os séculos que vêm. É um tema existencial, segundo meu parecer.

Considero que estivemos integrados há várias centenas de anos; integrados como uma só nação, apesar das distâncias. Creio também –como diz Eduardo Galeano em sua obra *Veias Abertas da América Latina*, escrita aqui mesmo, há trinta anos, -nos anos setenta- que a América Latina se especializou desde criança em ser explorada. Especializaram-nos para explorar-nos. E ao longo desse livro, estou certo de que os senhores o conhecem, Galeano passeia pelas minas de prata do Potosi, pelos canaviais do Brasil, pelas minas de prata de Guanajuato, pelas minas de ouro da Venezuela, de Minas Gerais, e por tudo, as plantações de cacau e de café. E, como a colônia nos integrou, mas para explorar-nos e para semear-nos de maneira obrigatória, para impor-nos um modelo econômico, colonial, de exploração, um modelo político de dominação, um modelo social de exclusão.

De séculos nessa situação surgem os movimentos revolucionários que conduziram à independência de nossos povos e ao nascimento de nossas Repúblicas. Creio que, sem nenhuma dúvida, é sabido, nossos Libertadores, os Líderes daqueles processos dos Séculos XVIII, XIX, devido a que alguns deles, talvez certamente os mais adiantados, os mais analíticos, os que percebiam que a independência ia além das fronteiras interiores de nossos países, além do Rio da Prata, além do Mar Caribe, viam o mundo já como uma globalidade; entre eles, para mencionar somente alguns, San Martín, Artigas, O'Higgins, Bolívar, Morazán, quantos outros? Muitos; somente alguns propuseram a idéia agora para sair do modelo de escravidão, de exploração, de segregação, de desigualdade, de imposição; romper as correntes; não bastava somente romper as correntes do império; não bastava e eles o sabiam muito claramente. Era necessário reunificar esta parte do mundo.

Creio, e nisto devo ser muito subjetivo, talvez por causa da deformação acadêmica por ter estudado mais Bolívar e seu pensamento, muito mais do que o pensamento de Artigas –peço desculpas por isso- e muito mais do que o pensamento de San Martín –também peço desculpas- e o de O'Higgins, mas creio que Bolívar foi, se não quem mais longe pôde olhar e pôde levar à prática essa visão continental, essa visão anfictionica através das armas, através da revolução, através das leis, através das instituições; por exemplo, o nascimento da Colômbia foi isso: produto de um fato de armas, um Congresso Constituinte que cria a união daqueles três departamentos originais, a Venezuela com Cundinamarca e Quito. Mas, olhando além, era o núcleo original do que sonhava Bolívar e alguns de seus generais, doutores, juristas e estudiosos daquele tempo, como um grande pólo de forças mundial para o equilíbrio do mundo, dizia Bolívar. Inclusive chegou a dizer uma frase que li

no avião quase aterrizando em Montevidéu nesta manhã, em uma das últimas páginas das “Veias Abertas da América Latina”. Galeano coloca aí uma frase de Bolívar pouco conhecida, porque não é muito diplomática, vou dizê-la, não sou muito diplomático, em todo caso estou falando de Bolívar e seu tempo, para livrar-me de responsabilidades de alguma interpretação; qualquer semelhança é pura coincidência. Bolívar chegou a dizer: “... os Estados Unidos parecem destinados, pela Providência, infestar a América de Misérias em nome da Liberdade”. Isso foi em 1825, em 1825.

Bolívar, além disso, tinha a idéia de libertar Cuba, a República Dominicana, o que é hoje a República Dominicana, para integrá-las a essa união colombiana. Ou seja, uma visão continental, uma visão global de pólos de poder, de força. Convocou, como sabemos, o Congresso Anfictiônico do Panamá: em 1824 foi a primeira convocação; em 1826, o Congresso se reuniu com muitas dificuldades. Mas, a idéia era consolidar uma união, que ele chamava de Confederação; era uma espécie de Confederação e um pacto de união que incluía todos os aspectos: político, econômico e, logicamente, os povos, a união dos povos, inclusive um pacto militar de defesa perante a ameaça que se apresentava com a “Santa Aliança”. A ameaça da Europa de reconquistar esta parte do mundo.

Creio que na mesma gênese, no próprio nascimento de nossas Repúblicas houve uma forte marca integracionista, mas de integração plena. Para não ficarmos só nas reflexões do passado, quero neste maravilhoso cenário que os senhores me ofereceram, expor a necessidade, segundo meu parecer, de retomar essa idéia original com audácia. Considero que é uma necessidade: ou nos unimos, mas, realmente, ou o Século XXI ameaça ser pior do que o Século XX para nós, os americanos desta parte da América, Caribe, América Latina, América do Sul, América Central.

Estou certo de que os senhores debatem esse tema aqui, nesta mesa redonda, com muita freqüência. Estou certo de que realizaram muitos seminários, muitos foros, muitos simpósios, muitas teses circularam por toda a América, esforços de integração em vários âmbitos. Mas, é necessário, segundo meu parecer, que aceleremos estes processos e que coloquemos a vontade política por cima de todos os cenários de integração. Creio que os demais cenários devem subordinar-se à vontade política de integração. Creio que a integração econômica é um componente necessário, mas nunca será suficiente, jamais será suficiente para avançar para estágios superiores de integração, de solidificação, de melhoria real e notória das condições de vida, não de alguns setores em cada país. Que fazemos? Como diria uma venezuelana, que não conheço pessoalmente, mas que li –creio que vive na Europa ou esteve na Europa- a verdade é que há vários meses escrevia desde a Europa dizendo que na Venezuela, essa Pátria nossa e dos senhores, que está renascendo de suas próprias cinzas, “... na Venezuela algumas pessoas pensaram que podiam viver no céu, rodeadas do inferno por todos os lados”. Porque são cúpulas, são minorias privilegiadas que cada dia, na Venezuela aconteceu, não quero dizer que isto tenha acontecido igual em todos nossos países, mas falo por meu país, que conheço, logicamente, até a medula dos ossos; uma minoria privilegiada que foi enchendo-se de riquezas, de privilégios, valha a redundância, e uma imensa maioria tornando-se cada dia mais pobre até que aquilo explodiu, logicamente, e vejam como os pólos opostos juntos provocam faíscas e explodem.

Desde a Venezuela propomos uma integração à maneira bolivariana, à maneira de Artigas; é válido perfeitamente dizer aqui e desde qualquer parte do Continente, à maneira de San Martín. Uma integração plena; o Senhor Presidente o manifestava. Nós, na nova Constituição, aprovada em 15 de dezembro passado, pouco antes de que acontecesse a tragédia, a maior tragédia natural de toda nossa história e, dito seja de passagem, porque não o manifestei no início, tenho que agradecer de coração e da alma do povo venezuelano

todo o apoio e toda a solidariedade e o fervor e amor com que os povos do Continente deram a mão e o apoio e a ajuda ao povo venezuelano nessa hora tão difícil da qual, logicamente, ainda não temos saído, mas estamos saindo. Muito obrigado a todos seus Governos, suas Instituições e seus povos, por esse amor, por esse afeto. A Venezuela se sente verdadeiramente amada. Como escreveu José Martí um dia, em uma obra de teatro maravilhosa, aquele grande cubano e latino-americano, caribenho: “amor com amor se paga”. Então, a Venezuela pagará com amor o amor demonstrado por todos os povos da América Latina, do Caribe e do mundo inteiro.

Agora, nessa nova Constituição, produto de uma revolução, na Venezuela se fez uma revolução, felizmente pacífica, embora não deixe de ter sua doce de violência, há uns anos.

Na década dos noventa, na Venezuela, houve vários fatos violentos. Particpei de um deles. Não gosto da violência. Fui formado para ela, mas não gosto. Não obstante, na Venezuela aconteceram processos e fenômenos que nos arrastaram não só a nós, o grupo de militares que conduziu uma rebelião, que é muito diferente de um golpe de estado. O que aconteceu na Venezuela, aconteceu; no mundo há pessoas que ainda, lamentavelmente, não o compreendem, porque não fomos capazes de fazer-lhes entender a profundidade, o que aconteceu, e ainda nos chamam de “golpistas” ou nos comparam com aquelas ditaduras ou aqueles homens, alguns deles que dirigiram ditaduras em algumas partes da América, há décadas. Não; nós vimos de outros processos, com outra mentalidade, outra época, outros objetivos. Mas, essa revolução, à qual estou referindo-me, aconteceu na Venezuela há mais de dez anos. Anteontem, nada mais, estávamos comemorando os onze anos da rebelião popular de 27 de fevereiro de 1989 contra o segundo governo, nos seus inícios, de Carlos Andrés Pérez. O povo se cansou de ser enganado, de ser manipulado, de receber as políticas de choque, que às vezes nos recomendam e que às vezes são um veneno; políticas de choque para países empobrecidos, países com modelos econômicos e sociais desmoronados; então, querem aplicar-nos políticas de choque. Essa foi aplicada na Venezuela em 1989, e o país explodiu e gerou-se um fato violento que não era visto na Venezuela, não foi visto nunca no Século XX, foi a primeira vez, há onze anos. O mais dramático foi que aquele governo, supostamente democrático, ordenou aos militares sair para as ruas com metralhadoras e com fuzis para deter a rebelião popular. Houve centenas de mortos, crianças atravessadas por balas de metralhadoras, anciãos, homens, mulheres. Aquilo nos arrastou a fazer o que fizemos três anos depois. Não podíamos. Naquela ocasião o manifestei em algum quartel: “Caiu sobre nós a maldição de Bolívar”. Bolívar já o tinha dito: “maldito o soldado que volte as armas contra seu povo”. Na verdade, nós nos sentimos bolivarianos, mas de verdade, verdade, não só de palavra. Sentimo-nos seguidores de uma corrente, não de um homem, um homem que interpretou uma idéia, recolheu idéias de outros e as levou a um momento concreto e que hoje têm muita vigência; a idéia bolivariana.

Por essa revolução, felizmente, apesar de ter sinais de violência, depois de alguns anos, o povo venezuelano conseguiu um caminho pacífico, um caminho democrático, referendo, constituinte, plenipotenciário como, segundo nosso parecer, deve ser toda assembléia constituinte. Uma assembléia constituinte que esteja subordinada aos poderes constituídos é como uma águia sem asas, para quê? Constituinte porque é uma medida extraordinária. Porque, na Venezuela, isso felizmente, foi implantado, foi decidido, não houve nem sequer um disparo, nem sequer um preso, nem sequer um exilado, nem sequer um perseguido político, nada, absolutamente nada, nem sequer um meio de comunicação fechado nem pressionado, absolutamente nada. Houve uma Assembléia, eleita pelo país, que fez uma nova Constituição e que foi aprovada em 15 de dezembro, horas antes do desastre de 16 de dezembro.

Nessa nova Constituição, cuja proposta foi feita pelo Movimento Quinta República, que presido, movimento bolivariano, e aprovada, a Venezuela abre suas portas para a celebração de pactos políticos ou acordos políticos com qualquer República ou grupo de Repúblicas da América Latina Caribenha. É uma oferta para o Continente. Queremos ir além dos acordos econômicos de livre comércio ou de tarifas ou de preferências tarifárias. Isso é apenas um pequeno componente da visão integracionista que queremos impulsar ou reimpulsar, ajudar a impulsar. Considero que os acordos políticos são vitais, necessários: temos comentado e temos levado esta voz a todas as reuniões de cúpula de Chefes de Estado que fizemos no ano passado e as levaremos a todas as reuniões de cúpulas do futuro. A Reunião de Cúpula dos Estados do Caribe, a Associação de Estados do Caribe, há um ano em Santo Domingo; o Grupo dos Quinze, que abrange outros Continentes, mas também realizou-se no Caribe, na Jamaica; a Reunião de Cúpula de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade Andina, em Cartagena de Índias, no ano passado, a Reunião de Cúpula do Grupo do Rio, na Cidade do México, a Reunião de Cúpula de Chefes de Estado e de Chefes de Governo, da América Latina, do Caribe e da União Européia, no Rio de Janeiro. E continuaremos levando-a a todas as reuniões de cúpula e a todas as conversações bilaterais ou multilaterais com Chefes de Estado, com instituições, com o Parlamento Latino-Americano, com os Parlamentos que representam nossos povos, as organizações políticas, os partidos políticos, as entidades, as organizações de dentro de cada país, os Poderes Legislativos, os Poderes Judiciários e, sobretudo e especialmente, compatriotas da América, especialmente essa mensagem deve chegar a nossos povos. Porque daí é que, segundo nosso parecer, deve partir a força maior que tornará possíveis estes mecanismos de integração. Não podem permanecer nestes espaços, fechados nestes espaços para regozijar-se intelectualmente ou para proferir discursos floridos em reuniões de cúpula de presidentes ou para assinar acordos com letras muito bonitas, com essas letras góticas, atas e coisas destas e firmas muito protocolares e a foto respectiva e mostrar a foto :“Olhe! Firmamos o acordo”. Não, a história nos diz que esse não é o caminho; esse é parte do caminho, é como uma pedra ou como um atalho. Creio que o caminho devem fazê-lo os povos. Creio que temos que enamorar nossos povos dessa idéia. Fazer-lhes sentir a necessidade desta idéia mas, que sintam a necessidade, porque os senhores sabem que a vontade vem de um ato fundamentalmente de necessidade, de paixão, de amor.

Todos aqui temos vivido um pouco e sabemos o que é o amor e a vontade. Quando era Subtenente, estava trabalhando em Cumaná, no oriente da Venezuela e estava namorando em Barinas, ia às sextas-feiras, dirigindo um carrinho, com os olhos super abertos para chegar no sábado pela manhã e ver minha noiva e amanhecer segunda-feira em Cumaná, no trabalho. Bom, pelo amor a gente faz como Romeu e Julieta, o máximo sacrifício; Cristo na Cruz, por amor, esse amor bom, amor de verdade; quantas coisas... a gente, por amor verdadeiro, abandona tudo; a gente pode dar tudo. Se nossos povos não sentem esse amor, essa consciência, essa necessidade de integração, creio que nunca será possível, nunca irá além de alguns limites protocolares, comerciais, que se o queijo do Uruguai para a Venezuela, há uma coisa por aí do queijo, que se é muito mole, que se tem trinta e seis graus de umidade, então, o outro tem quarenta e cinco graus de umidade e isso nos tem discutindo. Bem, discutamos o queijo, mas discutamos sobre as crianças, estas que nesta manhã cantaram o hino nacional da Venezuela, enamoremos essas crianças, além do queijo uruguaio e do queijo venezuelano e da carne argentina, do vinho de todas estas terras do sul, enamoremos a alma sobre a necessidade de integrar-nos. Creio que essa é a essência. Porque foi o amor o que levou nossos próceres a fazer o que fizeram, foi a consciência da necessidade a que levou Bolívar e Sucre, por falar dos venezuelanos em uma primeira instância, para vir até o Alto Peru, até o pampa do Aquino, veio o Marechal Sucre para comandar homens, mulheres e até em farrapos, descalços, para lutar nessa última grande batalha de Ayacucho, no ano 24. Que pôde atraí-los? Desejos de quê:

vender queijos em Ayacucho? Desejos de levar as minas de prata para a Venezuela? Não, o amor, o desvelo por um país, por um povo, por uma nação. Do amor surgem coisas maravilhosas.

Portanto, considero que para utilizar essa palavra estamos ante o desafio de enamorar nossos povos, de falar com nossos povos, de ir para a rua para ver-lhes o rosto, para sofrer com eles sua dor, para amar com eles, para chorar com eles, para cantar com eles, às escolas dessas crianças de primária, desses rapazes de secundária, nas universidades, os camponeses, os pescadores, os militares, os sacerdotes, católicos, evangélicos, protestantes, os trabalhadores, os desempregados, os miseráveis, como dizia Víctor Hugo, a todos eles por igual enviar uma mensagem e semear uma semente.

Creio que esse é, repito, irmãos e irmãs, um dos grandes desafios que temos por diante.

Eu, que apenas me sinto como uma palha no vento, mas palha que pensa e que vibra com estes sentimentos, no que me toque daqui em diante por estes caminhos nossos da América latino-caribenha estarei apregoando estes sentimentos. Estarei tentando, até onde possamos, e chamando para ir além dos mecanismos que existem. Porque, prestem atenção, senhores: temos muitos mecanismos de integração, temos bastantes mecanismos de integração. A Venezuela pertence, até onde me lembro, ao Grupo dos Três, ao Grupo dos Quinze, à Associação dos Estados do Caribe, à Comunidade Andina das Nações e pare de contar. E realmente, a ALADI, onde estamos basicamente. Até agora não consegui, não vi, a gente não sabe para onde ir, qual é o eixo central da integração plena. Vamos a reuniões de cúpula, fazemos acordos fragmentários, quase tudo, mas qual é a direção mestre da integração? Creio que essa direção mestre temos que defini-la. Creio que temos que discuti-la. Repito, já o manifestei com coragem, como ouvi dizer a Federico Mayor Zaragoza em Paris, na última Assembléia Anual da UNESCO: “temos que atrever-nos”, atrever-nos a dizer e a fazer as coisas sem medos, sem temores, propor a integração política, e permitam-me propô-la em nome do povo venezuelano. Estou completamente certo de que se nós, por exemplo, fazemos um referendo e consultamos o povo ..., agora, nossa democracia está deixando de ser meramente representativa e está definida na nova Constituição como Democracia Participativa e Protagonista e temos inserido mecanismos diversos, como o referendo popular e outros mais que os senhores conhecem também e que existem em muitos países.

Creio que esses mecanismos são muito bons. Perfeitamente poderíamos na Venezuela fazer um referendo e perguntar ao povo venezuelano se está de acordo com fazer uma integração política, prévia explicação ao povo de que se trata e até onde poderíamos chegar em um plano para os primeiros dez anos. Por que não fazemos um plano para 2010 e consultamos nossos povos depois de ter explicado e discutido com eles os mecanismos de integração? E damos saída ao álveo tremendo da juventude, por exemplo.

Dizia José Enrique Rodó, há cem anos exatamente, aqui, em Montevideu, falando com a juventude –creio que esta mensagem é muito de Rodó em seu Ariel-, “você, os jovens, têm uma força muito grande e vocês são os operários da aplicação dessa força. E essa juventude é um tesouro muito grande e vocês são os investidores desse tesouro. Vocês são os administradores desse tesouro.” E chamava a juventude americana a não deixar-se levar pelo pragmatismo e a chamava para lutar pela união. Creio que a juventude deve participar como ela é: fervorosa, candente, apaixonada destes processos.

Considero que as crianças devem participar de todos os espaços possíveis. Essa seria uma das minhas mensagens aqui, em Montevideu, nesta manhã.

Enamoremos nossos povos. E, por que não, podemos fazer referendo em nossos países e consultar os povos. A Venezuela está às ordens para fazer, poderia ser o primeiro, pacto político anfitriônico com qualquer República, como diz nossa Constituição bolivariana, com qualquer irmã República da América latino-caribenha. Estamos dispostos a avançar com audácia, inclusive desafiando conceitos, desafiando esquemas que creio que podemos ir deixando um pouco para atrás.

Essa integração, para ir terminando por causa da hora, essa integração deve abranger todos os espaços, tal como propunham San Martín, Artigas, O'Higgins, Bolívar, cada um em seu espaço, cada um com suas limitações, cada um com sua visão. Trata-se de uma integração, que temos que fazer, por exemplo, política; uma integração política. Até onde?: discutamos. Como fazê-la?: discutamos. Como fazer para integrar aqui um bloco político, geopolítico, para que não nos sigam impondo coisas, para que não nos sigam desrespeitando desde outros espaços do mundo, para que possamos todos juntos dizer para o mundo: "somos um povo soberano, temos nossas próprias leis, somos capazes de avaliar-nos a nós mesmos, não necessitamos polícias mundiais que nos digam "estão comportando-se bem ou estão comportando-se mal, e aquele que se comporte mal leva paulada". Não podemos continuar aceitando isso neste século que vem. Essa é uma das tristes histórias do século que já terminou; ou o bloqueio ao irmão povo cubano, por exemplo. Cuba pertence a esta Organização. Pergunto: que podemos fazer agora pelos cubanos, agora que estão na ALADI? É justo este bloqueio a Cuba a estas alturas, quando está começando o século? É Cuba ameaça para algum país do mundo? Problemas concretos e lutas concretas. Levar nossa voz ao mundo, à União Européia.

Ontem recebi no Palácio de Miraflores, em Caracas, uma delegação do Parlamento Europeu e falei com eles de todas estas idéias, da necessidade de um mundo pluripolar, de um mundo democrático; a globalização deve ser democrática, não tirânica, onde queiram obrigar-nos a fazer isso e aquilo. Por exemplo nós, estamos enfrentando agora uma pressão, e assim o denunciou o Chanceler e o denunciou aqui, uma pressão para que nós permitamos que aviões norte-americanos sobrevoem nosso espaço soberano perseguindo aviões do narcotráfico. Temos como fazê-lo. Temos uma força aérea e estamos às ordens do mundo para cooperar. Mas não podemos permitir... É como se pedisse ao Uruguai que meus aviões F16 viessem aqui. Por respeito, sou incapaz de pedir ao Uruguai para sobrevoar seu território ou dizer ao Governo do Presidente Clinton que os Mirages venezuelanos irão até Washington. Que dirão? Que responderiam se fizéssemos esse pedido formal? Ou as imposições de políticas econômicas. Não, somos capazes de elaborar nossos próprios modelos, de discuti-los com o mundo, mas que respeitem nossas próprias decisões e que não nos sejam aplicadas políticas de chantagem. Diga-me, senhor, o irmão equatoriano que está por aqui, que aconteceu no Equador, que também é um país irmão.

Equatoriano!: minha saudação ao povo do Equador e ao Governo do Equador. Acompanhamos com muita angústia o problema do Equador. Devemos fazer algo pelo Equador. Creio que podemos fazer muito mais do que temos feito. Ouvei meu bom amigo, o ex Presidente Mahuad, expor na Reunião de Cúpula de Cartagena, expor na Cimeira do Rio de Janeiro, lá no México, expor em Havana, onde coincidimos uma vez na última Reunião de Cúpula de dezembro em Havana. Tanto na reunião de Presidentes quanto nas conversas informais, o drama pelo que estava passando: uma dívida externa que lhe consumia quase todo o orçamento. Tinha que pagar a dívida porque, se não paga, então está portando-se mal; vamos aplicar-lhe o ácido. Bom, que mais ácido do que esse! Vejamos,

o que aconteceu, lamentavelmente, no Equador. Felizmente houve uma saída e um passo adiante e não chegou a maiores conseqüências. Oxalá! Estamos certos de que continuará em boa direção, mas creio que há que fazer muitas coisas a esse respeito.

Integração de nossos problemas, inclusive integração na hora de buscar soluções, integração de caminhos. O caso do povo colombiano, por exemplo. O povo colombiano está enfrentando uma guerra. Estamos tentando ajudar para encontrar os caminhos da paz, respeitando a soberania do Governo e da Nação colombiana, mas abrindo os braços e o coração para apoiar a busca da paz. Mas, esse é um problema do Continente, especialmente da América Latina e do Caribe. Creio que não é um problema somente da Colômbia.

O drama de nossos povos: creio que temos que inserir isso nos mecanismos de integração. Os mecanismos de integração devem prever a parte econômica. Manifestei-o e logicamente continuarei dizendo-o: nós, na Venezuela, somos contrários ao neoliberalismo. Manifestei-o em Madri e o repito em Montevideu: creio que o neoliberalismo, para nós, nesta parte do mundo, é o caminho para o inferno; creio que é o caminho para o inferno. Não creio na tese da mão invisível do mercado, que tudo soluciona. Prefiro chamar de mão negra do mercado que desarruma muitas coisas. Não creio que privatizar tudo seja o caminho. Acreditamos mais em um modelo de equilíbrio entre um mercado, um Estado que deve ser um Estado, não minimizá-lo, e uma sociedade e um mecanismo de forças mistas e modelos em equilíbrio.. Em nossa Constituição, a Constituição da República Bolivariana, temos inserido os elementos fundamentais do que pode ser um modelo econômico apropriado a nossas próprias realidades, a nossas próprias possibilidades. Considero que para que nossas economias sejam complementares devemos olhar muito bem as estruturas econômicas que temos: modelos imperfeitos. Os modelos econômicos da América Latina são terrivelmente imperfeitos. Somos especialistas em importar matéria prima; no caso venezuelano: petróleo, petróleo e mais petróleo. E por outro lado: pobreza, pobreza e mais pobreza. Modelos que não foram capazes de absorver a força de trabalho, modelos que não foram capazes até agora de inserir-se neste mundo globalizado, como o conhecemos, em condições de igualdade. Por exemplo, as negociações da OMC, negociações onde tentam impor-nos coisas que favorecem normalmente alguns setores do mundo universo e que podem levar-nos mais para abaixo nesse caminho rumo ao inferno, como eu o denominei.

Todas essas coisas, creio que devemos enfrentá-las com uma integração verdadeira: social, política, econômica, militar e cultural.

Creio, irmãos, que esse é o caminho e estou certo de que a ALADI vai por esse caminho com muita crítica, com muita contribuição, com muito pensamento, e estou certo de que cada dia com mais ação concreta e com mais ação integradora.

Por aí está boa parte da busca das soluções para nossos dramas, que são terríveis, quando está começando o Século XXI; além desses dramas, além dessas barreiras, estamos todos cheios de um otimismo gigantesco, de uma vontade imensa, dignos, como somos, herdeiros dos guaranis, dos caríbas, dos incas, dos maias, esse povo que durante séculos viveu e chegou a desenvolver grandes culturas e lutou contra a colonização e deixou-nos essa semente: essa semente de amor, de luta, de esperança e de fé em nós mesmos e, sobretudo, no ser humano.

Portanto, Senhor Presidente, Senhor Secretário-Geral, Senhores Representantes, amigos todos, esses são alguns de meus comentários, cheios de afeto, cheios de sinceridade, cheios de paixão, cheios de esperança.

A Venezuela se oferece para a anfictionia americana, para a anfictionia bolivariana, para a união integral, como caminho para melhorar a vida de nossos povos.

Recebam um abraço muito solidário e meus votos e nossos votos, em nome de meus companheiros, Ministros e delegados, em nome de nosso povo, os votos pela felicidade do povo do Uruguai, pela felicidade e pelo êxito do novo Governo do Uruguai, pela felicidade e pelo êxito dos povos dos Governos de todo nosso Continente latino-americano caribenho. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. “A integração é uma necessidade existencial”, manifestou o Senhor Presidente. Muito obrigado.

Agora, a Associação Latino-Americana de Integração entregará uma modesta lembrança, mas que tem o propósito de marcar o dia em que Vossa Excelência nos honrou com sua visita a esta Casa.

- O Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Embaixador Gustavo Iruegas Evaristo, entrega uma bandeja como lembrança deste Comitê, ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República Bolivariana da Venezuela, Hugo Rafael Chávez Frías.

- Aplausos.

Encerra-se a sessão.
